

GPT E TERRITORIALIDADE: CONFLUÊNCIAS ENTRE A UFBA E A UFVJM

Juliana Nogueira Pontes Nobre
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.
juliananobre@ufba.br

Priscila Lopes
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Brasil.
priscila.lopes@ufvjm.edu.br

Cláudia Mara Niquini
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Brasil
claudia.niquini@ufvjm.edu.br

Resumo

A ausência de regras pré-determinadas na Ginástica para Todos (GPT) evidencia seu caráter coletivo (Menegaldo; Bortoleto, 2020). Tal condição potencializa a versatilidade da prática que se manifesta em possibilidades infinitas sobre a quantidade de participantes, tipo de vestimenta, uso de materiais, estilo musical (Toledo; Tsukamoto; Carbinatto, 2024), assim como nas escolhas das técnicas, temas para composições coreográficas, criação gestual e estética, entre outros elementos que detém a reprodução de padrões (Menegaldo; Bortoleto, 2020). No Brasil, a diversidade da GPT é o que lhe confere identidade, sendo a territorialidade responsável pela constituição dos grupos universitários, principais disseminadores da modalidade no país. Aqui, as diferentes formas de pensar e fazer GPT são construídas por seus protagonistas, os quais imprimem seus traços a partir das condições materiais do contexto em que estão inseridos, conforme pesquisas produzidas que apontam a influência de aspectos culturais regionais nas composições coreográficas (Toledo; Silva, 2020). No presente estudo, interessa-nos refletir sobre as confluências da GPT na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), contextos em que nós, autoras, atuamos profissionalmente. Trata-se de uma análise documental exploratória, realizada por meio de uma revisão bibliográfica (Marconi, Lakatos, 2003), com consulta às bases de dados Periódicos Capes, SCOPUS, Scielo, ERIC, SportDiscus e Google Scholar. Como resultados, encontramos uma ampla quantidade de estudos divulgados como resumos de congressos, artigos, trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação. Dentre as publicações, focamos nos artigos produzidos por Antualpa *et al.* (2021) e Lopes, Niquini e Leal (2023), que relatam o processo de construção coreográfica no período pandêmico da COVID-19. Dentre as similaridades encontradas nas publicações, destacamos o processo criativo desenvolvido a partir de uma perspectiva crítica que dialoga com a realidade na qual as universidades estão situadas. Na coreografia da UFBA, o grupo buscou representar a luta histórica dos negros da cidade por reconhecimento e transformação social e racial. Já a coreografia da UFVJM foi inspirada no “mineirês” – forma de falar do povo de Minas Gerais, buscando representar o reconhecimento e valorização da cultura mineira em detrimento da ridicularização e depreciação que o tema sofre. Os saberes advindos das culturas populares foram acionados, sendo apresentados pelos próprios integrantes de ambos os grupos. Também percebemos um constante processo de ação-reflexão-ação, no qual a identidade dos grupos e o posicionamento político expresso pelas mensagens comunicadas nas coreografias foram discutidos. Perante o exposto, coadunamos Toledo e

Palavras-chave:

Ginástica Para Todos.
Universidades.
Cultura local.
Formação humanizadora.

Silva (2020) ao afirmarem que a plasticidade da GPT permite impregnar a prática de sentidos ao sofrer influência das particularidades de cada território. Na universidade, que pressupõe o desenvolvimento da GPT como prática educativa, o olhar crítico para a cultura local e a ressignificação das problematizações por meio da linguagem corporal contribui para a compreensão dos educandos sobre sua situação no mundo, se configurando como um processo de formação humanizadora e emancipatória (Freire, 1994); além de destacar a importância partilhas de processos e experiências, entre universidades e pessoas, para construir/mover novos saberes e ações, favorecendo aproximações e formação humanizadora via GPT.

Referências

ANTUALPA, Kizzy Fernandes *et al.* A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1994.

LOPES, Priscila; NIQUINI, Claudia Mara; LEAL, Juliana Helena Gomes. Extensão universitária em tempos de pandemia: experiências com a Ginástica Para Todos na perspectiva Freiriana. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Ginástica para Todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso? **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 18, n. e.020014, 2020.

TOLEDO, Eliana de. Sobre uma história da ginástica para todos no Brasil (1950-1990): notas de um trabalho em rede. In: Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 9, 2018. **Anais**. Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018.

TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa. A Ginástica para Todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, p. 71-82, 2020.

TOLEDO, Eliana de; TKUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, Myrian. **Fundamentos das ginásticas**. Fontoura Editora, 2024.